

7	<input type="checkbox"/>	13	<input type="checkbox"/>	19	<input type="checkbox"/>	25	<input type="checkbox"/>
8	<input type="checkbox"/>	14	<input type="checkbox"/>	20	<input type="checkbox"/>	26	<input type="checkbox"/>
9	<input type="checkbox"/>	15	<input type="checkbox"/>	21	<input type="checkbox"/>	27	<input type="checkbox"/>
10	<input type="checkbox"/>	16	<input type="checkbox"/>	22	<input type="checkbox"/>	28	<input type="checkbox"/>
11	<input type="checkbox"/>	17	<input type="checkbox"/>	23	<input type="checkbox"/>	29	<input type="checkbox"/>
12	<input type="checkbox"/>	18	<input type="checkbox"/>	24	<input type="checkbox"/>	30	<input type="checkbox"/>

mandou o João _____

aconselhou a Ana _____

de _____

SÃO DO ORAL

6	<input type="checkbox"/>	11	<input type="checkbox"/>	16	<input type="checkbox"/>
7	<input type="checkbox"/>	12	<input type="checkbox"/>	17	<input type="checkbox"/>
8	<input type="checkbox"/>	13	<input type="checkbox"/>	18	<input type="checkbox"/>

MODELO 2

COMPREENSÃO DA LEITURA

PARTE 1

Vai ler seis textos sobre experiências de desemprego.

Faça a correspondência entre as perguntas 1-10 e os parágrafos A-F. Todas as perguntas começam por *Quem é que...*? O mesmo parágrafo pode ser relacionado com mais do que uma pergunta.

Escreva as respostas na folha de respostas.

Quem é que...

1. considera o desemprego como a perda de algo muito importante?
2. revela serenidade e demonstra estar a pensar em trabalhar para si próprio(a)?
3. apresenta sinais exteriores de sucesso que não refletem a atual situação?
4. está a lidar com a situação com marcas de algum desespero?
5. aproveitou com muito sucesso a situação do desemprego?
6. não deve estar muito mais tempo sem trabalho?
7. acha que não vai conseguir encontrar um emprego?
8. pensa que, finalmente, vai ter coragem para fazer aquilo de que gosta?
9. associa ao local do anterior trabalho factos importantes da vida pessoal?
10. considera que aquilo que para outros é mau foi, para si, muito bom?

PARÁGRAFOS

A O despertador do Gongalo toca às sete. Continua a levantar-se à mesma hora, veste o fato, sai de casa, entra no seu carro topo de gama e vai para o escritório. O exemplo de um executivo de sucesso, certo? Errado. Vasco, ex-diretor de uma empresa de telecomunicações, licenciado em gestão com MBA em Marketing, é um dos muitos desempregados da atualidade. Como ele próprio afirma, é «um quadro qualificado que está disponível para ser uma mais-valia para uma empresa». De facto, se olharmos para o seu currículo, confirmamos que ele é mesmo um *self-made man* que lutou com «unhas e dentes» para conseguir o que conseguiu: direção da área de Marketing e desenvolvimento de aplicações empresariais, carro da empresa, telemóvel, computador e um bom ordenado.

B Margarida é jornalista, tem 33 anos e foi dispensada de uma cadeia de televisão. Tem sentido que está a ter umas férias prolongadas e aproveita para pensar seriamente no que quer fazer da vida. Saboreia os dias entregando-se a noites longas, manhas tardias e tardes literárias. Lá tudo o que pode. Começou agora um curso de televisão que já lhe abriu grandes portas. Não portas de emprego, que isso agora não a preocupa, mas portas de vocações nunca antes reveladas: «O desemprego está a ser um motor de arranque para mim, o princípio de qualquer coisa; a libertação, libertação do medo que sempre tive em arriscar num curso de teatro, que agora quero fazer.»

C Rosa, 56 anos, desempregada da indústria têxtil há seis meses, à noite sonha que está a ir para o trabalho e que está na empresa, a trabalhar. O trabalho tira-lhe as noites e não é para menos: solteira e com casa para pagar, não sabe o que há de fazer à vida. Em setembro, viu-se obrigada a abandonar os quadros da empresa, onde sempre trabalhou. Ao fim de tantos anos, a saída da empresa mudou-lhe a vida para pior. «Eu nunca tive um salário em atraso nem qualquer problema com a empresa. Agora estou a viver um pesadelo! Estou muito afetada psicologicamente! Ninguém quer empregar uma pessoa da minha idade. Estou velha demais para trabalhar e nova demais para ir para a reforma. Não faço ideia do que será de mim.»

D Pedro, 32 anos, ajudante de cozinha, recém-chegado ao mundo do desemprego, tem ideia do que o espera: um novo emprego. Vindo de uma área onde há ainda alguma oferta de trabalho, sabe que conseguirá trabalho na sua área de residência, que é uma zona com bastante turismo durante todo o ano. Já enviou alguns currículos e aguarda respostas que pensa serem positivas. A dúvida é apenas a de saber se será no restaurante de um hotel ou não. O anúncio do fecho do hotel, onde ele trabalhou, caiu que nem uma bomba. Apesar de acreditar no futuro, Pedro ainda não se convenceu de que está sem trabalho. Foi naquele hotel que conheceu a sua mulher e foi ali que fez bons amigos. Sente um vazio que ainda não conseguiu preencher.

E José Carlos pertencia à direção de uma empresa de telecomunicações. Desempregado, revela alguma calma e ideias muito bem estruturadas: «Primeiro, quando chegamos ao desemprego, há uma fase de euforia. Pensamos que esta fase vai ser passageira e encaramos bem a mudança. Depois, começamos a ver que as coisas não são tão fáceis e tornamo-nos mais céticos e mais preocupados. Por fim, há quem se atunde em depressões e acumule baixas na autostima.» José sabe do que fala. Ele, que ajudou a despedir cerca de vinte funcionários da empresa onde trabalhava, foi dos últimos a sair. José aproveitou a saída da empresa para arrumar contas: pagou as dívidas que tinha e mantém-se agora em fase de hibernação, com uma vida calma de horário regado: de manhã passeia, à tarde vê televisão, trata dos cães, manda currículos em busca de emprego e elabora planos de negócios que possam pôr de pé um sonho antigo: uma empresa própria.

F Maria do Carmo era professora de pintura. A escola onde trabalhava há dez anos dispensou-a no fim de mais um ano letivo. Foi de férias, com a família e os amigos. Não ficou muito apreensiva e pensou que aquela era uma excelente oportunidade para, finalmente, mudar algo na sua vida. Na verdade, o trabalho como professora já não a entusiasmava como nos primeiros tempos. Durante as férias, percebeu que não se importava de cozinhar para a família e para os amigos e que todos comiam com prazer aquilo que cozinhasse. Percebeu que aquilo poderia significar alguma coisa. Depois das férias, estruturou um plano, fez alguns estudos e criou o seu negócio. Maria do Carmo criou uma pequena empresa que organiza refeições para entrega ao domicílio na área onde reside. Neste momento, já teve de contratar mais três pessoas e considera alargar a zona de distribuição. Maria do Carmo diz que perder o emprego foi a melhor coisa que lhe aconteceu nos últimos tempos.

«Publicar» in Público (adaptado)